

MACEDO, Walmírio *Gramática da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Presença Edições, 1991 (Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, 1991)

**Texto escrito por Sílvio Elia como prefácio da obra
(ABF, UFF e UFRJ)**

O professor Walmírio Macedo é antigo batalhador nas lides pedagógicas. O campo de estudos que elegeu, a Língua Portuguesa, de há muito o vem arando com desvelo, proficiência e perseverança. O seu ensino se tem feito simultaneamente por meio da palavra escrita e da oral, dos livros e das aulas. Como autor, publicou *Nova nomenclatura gramatical*, 1959, *Gramática popular da língua portuguesa*, 1966, *Análise sintática em nova dimensão*, 1968, *Elementos para uma estrutura da língua portuguesa*, 1976.

Como professor, a sua já longa atividade docente se tem exercido em estabelecimentos de ensino de primeira linha de nível universitário, como a Universidade Santa Úrsula, ou o Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense.

Em seus misteres didáticos, foi o professor Walmírio Macedo se apercebendo de que faltava coerente fundamentação teórica ao ensino corrente da gramática. A razão estava em que havíamos saído de um momento historicista no estudo dos fatos da linguagem, perspectiva diacrônica, como se viria a dizer, quando o próprio da natureza gramatical é o ser sincrônica, para continuarmos fiéis ao pensamento saussuriano. Surge assim, num sentido polêmico, a expressão Gramática Tradicional, aliás bastante ambígua, pois tanto pode aplicar-se aos estudos contemporâneos do método histórico-comparativo, quanto ao modo como vinha sendo praticado anteriormente. Fiquemos com a posição mais recente, isto é, aquela que teve de confrontar-se com o princípio de que a lingüística ou é histórica ou não é científica.

Ora, se a gramática pedagógica, em virtude de sua causa final, não pode ser histórica, então teria de abandonar cabisbaixa o Olimpo da ciência. E, na prática, foi o que aconteceu: gramático passou a soar como algo de pejorativo; filólogo é que era título enobrecedor. Todavia aqueles que timbraram em não arredar pé do campo gramatical, buscaram redimi-lo "cientificamente" e para

isso julgaram ter encontrado salvação no método positivista, que era o catecismo da ciência de então. Estávamos na época dos fatos da linguagem, das curvas estatísticas, da pretensa superação do logicismo pelo objetivismo fundado na exemplificação tomada à linguagem literária. Voltava-se à gramática prescrita segundo os modelos nos bons autores.

A perspectiva sincrônica restituiu à gramática, porém, os seus antigos braços. Enfim, o estruturalismo chegou. Saussure proclamara que as línguas são uma estrutura, uma rede de relações (sintagmáticas/paradigmáticas) opositivas, relativas, negativas. Portanto, uma forma e não uma substância. Foi nesse ponto que o professor Walmírio Macedo encontrou-se com o modelo estrutural, geralmente praticado. Entre nós, o professor Mattoso Camara Jr. introduziu o método com grande êxito. A sua tese *Para o estudo da Fonêmica Portuguesa*, apresentada (e aprovada) em 1949 à antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, inaugurou, no Brasil e em Portugal, o método fonológico de Trubetzkoy. Convertido em livro e acrescido de dois capítulos (particularmente o terceiro “que era a parte final e essencial da tese”), foi o trabalho publicado em 1953. Contudo Mattoso Camara não se restringiu ao estrato fonológico, pois *Problemas de lingüística descritiva* (1969) e *Estrutura da língua portuguesa* (1970), obra póstuma inacabada, ocupam-se com a Morfologia da língua. Sem esquecer o belo trabalho *The portuguese language* (1972), tradução de Antonio Naro, onde vai até à sintaxe (*sentence*).

Não foi, porém, Mattoso Camara um formalista de estrita obediência. Tendo estudado alguns meses nos Estados Unidos (1943-44), recebeu a influência do Círculo Lingüístico de Praga, através de Roman Jakobson, e não se deixou marcar pelo mecanicismo bloomfieldiano, ou, ao contrário, suas preferências foram para o Estruturalismo de Sapir (de cuja obra se tornou o principal divulgador no Brasil), mais próximo das tendências humanistas da Lingüística européia.

Walmírio Macedo, como todo estudioso brasileiro de sua geração, nutriu-se nos ensinamentos de Mattoso Camara, que liderou a Lingüística pátria enquanto viveu. Mas a sua atividade docente lhe trouxe novos problemas, para os quais buscava soluções práticas, não conflitantes, contudo, com suas posições teóricas. Daí a necessidade de romper o círculo do radicalismo formalista. Podia-se continuar estruturalista, sem rejeitar a substância. A significação, p. ex., não poderia reduzir-se a mero jogo de oposições lexemáticas (e também morfemáticas), dentro da economia de um sistema fechado sobre si mesmo. Em seu percurso indagador tomou contato com os ensinamentos do arguto lingüista francês Bernard Pottier, cuja obra fundamental *Linguistique générale, Théorie et description*, traduziu para o português (Presença, 1978). Na verdade, Pottier inclui a substância em sua descrição lingüística, pois distingue entre uma forma de significado, a Sintaxe, e uma substância do significado, a Semântica.

Outra presença estimulante na obra de Walmírio Macedo é a de Georges Galichet, que procurou introduzir o fator psicológico nos estudos gramaticais.

Mas o mentalismo, que Walmírio não refuga, se revê igualmente em outra obra presente em sua linha teórica, a de Albert Sechehaye, *Essai sur la structure logique de la phrase*, embora também não se deixe prender nas malhas do logicismo. É interessante observar que Galichet se reclama do pioneirismo de Saussure para quem a Lingüística fazia parte da Semiologia e esta da Psicologia Social e, por consequência, da Psicologia Geral (CLG: 33) e aponta para Sechehaye como um de seus predecessores.

Com esse embasamento teórico e metodológico é que deve ser considerada a *Gramática* do prof. Walmírio Macedo. Forma ela, a nosso ver, uma unidade com o anterior *Elementos para uma estrutura da Língua Portuguesa*, cuja leitura prévia recomendamos. A posição assumida pelo prof. Walmírio Macedo é a do Estruturalismo Funcional. Na sua definição, a *Gramática* não se conceitua como a arte de falar e escrever corretamente, dos antigos tratadistas, mas como o estudo sistemático e coerente dos elementos constitutivos de uma língua: sons, termos, palavras, construção. É, seguindo esse plano que se desenvolve o tratamento que deu a seu trabalho. Pois coerência é a “a palavra chave do conhecimento gramatical, da melhor compreensão deste livro e do domínio da metodologia aqui empregada” (Parte introdutória).

Buscando a “coerência teórica”, a *Gramática* do professor Walmírio é, ao mesmo tempo, essencialmente prática; e esse, a meu ver, o seu traço distintivo. Na exposição da matéria, p. ex., são freqüentes as relações exemplificativas de coletivos, de processos de formação do gênero feminino, das diferentes formas de pluralização dos nomes, simples e compostos, dos modelos de conjugação verbal, das diferentes vozes de animais, dos relativos valores semânticos das preposições, dos verbos que mudam de sentido conforme o tipo de regência, dos verbos que se constroem com oração subjetiva.

No embasamento teórico pode-se encontrar uma distinção cardeal dos três valores gramaticais: a classe (léxica), a categoria (gramática), a função (sintática); no critério adotado para a classificação de palavras; na exposição da controvertida categoria do gênero; na aplicação do esquema de Pottier quanto aos valores básicos das preposições: espaço, tempo e noção; na definição de oração, ainda com Pottier, como entidade + comportamento; no uso de termos técnicos trazidos pelo Estruturalismo, como fonema, morfema, lexema, sintagma, ao qual juntou sirrema, criação de Raphael de Balbin, para designar uma espécie de unidade melódica da frase, intermédia entre a palavra e a frase.

Uma observação final. Em “Texto para leitura”, trata o professor Walmírio de um aspecto interessante da oração subordinada (aliás, os estudos sintáticos parecem o de sua preferência). Escreve então: “Assim, quando digo ‘Quero que estudes’, sob o ponto de vista de significação, parece-me, entre as duas orações, ser a substantiva a mais importante. O verbo ‘quero’ no caso mostra apenas a minha vontade.” “Penso que lhe assiste razão. E trago para aqui a fecunda distinção entre o *dictum* e o *modus* (*Linguistique générale et linguistique*

française). Uma frase compor-se-ia de duas partes: uma representativa, o *dictum*, puramente comunicativa de um fato, um estado, uma qualidade.

L'autre contient la pièce maitresse de la phrase, celle sans laquelle il n'y a pas de phrase, à savoir l'expression de la modalité, corrélatrice à l'opération du sujet pensant. La modalité a pour l'expression logique et analytique un verbe modal; (p. ex. croire, se réjouir, souhaiter) et son sujet, le sujet modal; tous deux constituent le modus, complémentaire du dictum.

Entregue ao público, passa agora esta *Gramática da língua portuguesa* a conhecer a chamada “fortuna crítica”. Que certamente lhe será propícia em edições sucessivas, pois assim o merece o labor profícuo de seu autor, a sua competência de mestre e de pedagogo, as suas acuradas reflexões sobre o problema da linguagem, o seu constante amor à pujança estilística e ductilidade gramatical da língua portuguesa. *Praemium coronabit opus.*

Silvio Elia (Extraído do prefácio da obra)